



LER E ESCREVER, UMA AÇÃO QUE VAI ALÉM DE RESULTADOS.

Zélia Maria de Souza Silva

RESUMO

Leitura e escrita tem sido o foco de grandes discussões nestas últimas décadas. Sabendo que o ler e escrever são fatores primordiais quando se trata de resultados nas avaliações externas (SAEB). E que essa situação não é diferente na Escola Municipal “Cristo Rei” em Campestre de Goiás. Embasado nesta discussão apresentarei a importância do trabalho da Alfabetização com Letramento na vida da criança nos anos iniciais refletindo nas séries subsequentes. Será Apresentado neste artigo os conceitos de alfabetização/letramento, os fundamentos da criação do SAEB. Será demonstrado como os alunos e professores no 5º ano/série se sentem diante da pressão em busca de resultados positivos para o IDEB. Toda pesquisa se baseou na metodologia qualitativa, utilizando de fundamentos teóricos que possibilitaram assim a compreensão dos pontos negativos e positivos deste ano tão assossegado tanto para os docentes quanto para discentes.

Palavras-chave: Alfabetização, Letramento, SAEB.

INTRODUÇÃO

Diante de tantas discussões sobre Alfabetização e Letramento, e vivenciando tantas dificuldades vividas nesta municipalidade, faço questionamentos como: o que está acontecendo em nossa escola? Porque os alunos estão chegando no 5º ano sem ser alfabetizados? E por que entre tamanho desafio no aprender temos resultados que parece que mascaram a verdadeira realidade?

O artigo está dividido em três partes distintas. Na primeira parte, apresentarei os fundamentos teóricos sobre alfabetização e letramento a partir dos anos de 1980.

A segunda, será exposto os instrumentos utilizados nas avaliações externas e quais suas utilidades para fim sócio/educacional.

E por fim na terceira parte será demonstrado como os alunos e professores do 5º A e B se sentem no quesito leitura/escrita e seus anseios.

Toda pesquisa foi realizada em duas turmas de 5º ano, onde trabalhei como professora itinerante de Língua Portuguesa durante o ano de 2019. Utilizei a metodologia qualitativa.



1 - Alfabetização e letramento: desafios a serem compreendidos.

É visível que em várias situações do dia-a-dia tanto adultos quanto crianças são expostos aos mais variados materiais escritos. Por isso a prática pedagógica deve propor no “alfabetizar letrando” como condições para que os alunos sejam ativos neste contexto, se interagindo socialmente por meio de textos escritos sem ainda dominar o sistema alfabético de escrita.

É necessário compreender que a apropriação da escrita é um processo complexo e diversificado, envolvendo tanto o domínio do sistema alfabético/ortográfico quanto a compreensão e o uso autônomo da língua escrita nas práticas sociais diversificada. Quando houver entendimento sobre alfabetização/letramento vamos compreender que ambos se complementam.

Magda Soares já dizia (2003) Alfabetizar e letrar são processos distintos, porém interligados.

“... dissociar alfabetização de letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas linguísticas e psicolinguísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita se dá simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita- a alfabetização, e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita- o letramento. Não são processos independentes, mas interdependentes, e indissociáveis: a alfabetização se desenvolve no contexto de e por meio de práticas sociais de leituras e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só pode desenvolver-se no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema/grafema, isto é, em dependência da alfabetização.” (2003)

1.1 – Alfabetização/Letramento

Historicamente, o conceito de alfabetização se identificou ao ensino-aprendizado da “tecnologia da escrita”, quer dizer, do sistema alfabético de escrita, o que, em linhas gerais, significa, na leitura, a capacidade de decodificar os sinais gráficos, transformando-os em “sons”, e, na escrita, a capacidade de codificar os sons da fala, transformando-os em sinais gráficos.

A partir dos anos 1980, o conceito de *alfabetização* foi ampliado com as contribuições dos estudos sobre a psicogênese da aquisição da língua escrita, particularmente com os trabalhos de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky. De acordo com esses estudos, o aprendizado do sistema de escrita não se reduziria ao domínio de correspondências entre **grafemas** e



fonemas (a decodificação e a codificação), mas se caracterizaria como um processo ativo por meio do qual a criança, desde seus primeiros contatos com a escrita, construiria e reconstruiria hipóteses sobre a natureza e o funcionamento da língua escrita, compreendida como um sistema de representação.

Conforme Ferreiro e Teberosky (1986) “a alfabetização ocorre pela apropriação do SEA (Sistema de Escrita Alfabética)”, descrevem que é por meio de atividades que o aprendiz vai desenvolvendo habilidades ao longo do processo, porém, é notável que não é somente dominar esta metodologia. A alfabetização na expectativa do letramento inclui o aluno nas práticas de leitura e escrita. Esta inclusão é que garantirá o uso real do ler e do escrever, no seu dia a dia, nas diferentes situações políticas e sociais.

Assim pode-se observar que a alfabetização no ensino aprendido da tecnologia da escrita alfabética-ortográfica, envolve conhecimentos e metodologias que se relacionam com às capacidades motoras e cognitivas para assim manipulá-las (SOARES e BATISTA, 2005). Sendo assim conforme, Cafiero e Rocha (2008), a alfabetização deve envolver a apropriação de conhecimentos e procedimentos do sistema de escrita alfabética relacionados com habilidades como: diferenciar desenhos e letras; conhecer as letras do alfabeto; compreender a posição das letras no interior das palavras; relacionar grafemas/fonemas; formar sílabas através das letras; formar palavras através das sílabas; formar frases através das palavras; formar textos através das frases;

Neste sentido percebe-se que o domínio da leitura e escrita vai além de metodologia, deve-se associar a este dueto, “ler e escrever”, as convenções que indicam as delimitações de palavras (espaços em branco) e de frases (pontuação), diferentes categorizações das letras (maiúscula, minúsculas, imprensa, cursiva)

Conforme SOARES e BATISTA, 2005,p.50. “O letramento é o conjunto de conhecimentos, atitudes e capacidades envolvidas no uso da língua em práticas sociais e necessárias para uma participação ativa e competente na cultura da escrita”. Trata-se de um processo que tem início quando a criança começa a conviver com as diferentes manifestações da escrita na sociedade (placa, rótulos, embalagens comerciais, revistas, etc) se prolongando no dia a dia, com a crescente possibilidade de participação nas práticas sociais envolvendo a língua escrita, a leitura e produção de acordo com a necessidade de cada um.

1.2 Alfabetização e Letramento na sala de aula

A apropriação do sistema de escrita alfabética se fundamenta nas hipóteses formuladas pelo aprendiz. Emilia Ferreiro e Ana Teberosky descreveram e explicaram que a



alfabetização passa por etapas, apontando a existência de um parâmetro evolutivo regular na construção de hipóteses sobre a escrita. Assim o professor poderá construir novo olhar sobre o processo de alfabetização, podendo reavaliar, redirecionando suas práticas. Essas etapas, segundo as autoras se dividem em três níveis: pré-silábico; silábico; silábico alfabético; alfabético;

Pré-silábico

No nível pré-silábico, a criança não estabelece relações entre a escrita e a pronúncia, representa a escrita por desenhos, rabiscos ou letras aleatórias, sem repetição. Nesta fase a criança associa de maneira direta a escrita com o objeto a que se refere. Se apresentarmos a palavra “cão” deve ser maior que a palavra formiga pela representação real ser maior e mais pesado. Essa hipótese foi chamada por Piaget como “realismo nominal”. O professor perceberá que a criança saiu dessa fase quando ela perceber que a palavra escrita, não representa o objeto, mas o nome do objeto, saindo deste nível.

Silábico

No nível silábico a criança descobre a lógica da escrita, ela já corresponde a representação escrita das palavras e as propriedades sonoras das letras, usando, ao escrever, uma letra para cada emissão sonora, supondo que deve escrever com a quantidade de sinais conforme mexe com a boca, ou seja para cada sílaba oral, uma letra escrita. Assim é comum vermos letras inventadas, usando consoantes ou vogais aleatórias, repetindo conforme o som.

Silábico – Alfabético

Neste nível a criança já compreende que a escrita representa a fala e começa a perceber que cada emissão sonora (sílabas) pode ser representada na escrita por mais de uma letra. Nesse período é comum as crianças utilizarem ou somente vogais ou consoantes, utilizando a mesma escrita para palavras diferentes. Exemplo: “copo, e ovo” escrevem OO. Em alguns casos utilizam vogais e consoantes em uma mesma palavra, tentando combinar os sons.

Alfabético

No nível alfabético, o aprendiz já compreende que a escrita representa cada pauta sonora das palavras, colocando um grafema para cada um dos fonemas que aparece em cada sílaba, mas ainda não considera as convenções ortográficas. De acordo com Leite e Morais (2012)“...devemos estar atentos para o fato de que ter alcançado uma hipótese alfabética não quer dizer que a criança esteja alfabetizada. Se já compreendeu como o SEA funciona, a criança tem agora que dominar as convenções som-grafia de nossa língua”



Neste fim a criança deve desenvolver a consciência fonológica que consiste em varias habilidade que permitira a reflexão sobre as partes sonoras das palavras, levando-as a avançar em direção ao ato de ler e escrever com propriedade.

2- Resignificar alfabetização através de resultados, Saeb .

O Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb) foi a primeira ação desenvolvida no Brasil, para que se pudesse conhecer a verdadeira face do aprendizado nacionalmente. Anteriormente, este tipo de conhecimento era conhecido apenas através do resultado do Censo, que podia contextualizar o alfabetismo ou analfabetismo sem se ter foco no sistema de ensino. Conforme Magda Soares em seu artigo:

“(...) até os anos 40 do século passado, os questionários do censo indagavam, simplesmente, se a pessoa sabia ler e escrever, servindo como comprovação da resposta afirmativa ou negativa, a capacidade de assinatura do próprio nome. A partir dos anos 50 e até o censo (2000), os questionários passaram a indagar se a pessoa era capaz de ‘ler e escrever um bilhete simples’, o que já evidencia uma ampliação do conceito de alfabetização. Já não se considera alfabetizado aquele que apenas declara saber ler e escrever, genericamente, mas aquele que sabe usar a leitura e a escrita para exercer uma prática social em que a escrita é necessária.” (2003, pp. 10-11)

O Saeb começou a ser desenvolvido no final dos anos 80 e foi aplicado como amostra pela primeira vez em 1990. Desde então as avaliações têm sido aplicadas, a cada dois anos. São amostras probabilísticas que representam como está o desempenho de cada instituição dos 26 estados e Distrito Federal. Este sistema tem como objetivo aferir os conhecimentos e habilidades dos alunos, mediante aplicação de testes, com a finalidade de avaliar a qualidade do ensino ministrado em cada unidade escolar, avalia o que os alunos sabem e são capazes de fazer, em diversos momentos de seu percurso escolar, considera as condições existentes nas escolas brasileiras.

O Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) é um processo de avaliação em larga escala, realizado periodicamente pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep).

O Saeb oferece subsídios para a elaboração, o monitoramento e o aprimoramento de políticas com base em evidências, permitindo que os diversos níveis governamentais avaliem a qualidade da educação praticada no país.

Realizado desde 1990, o Saeb passou por várias estruturas até chegar ao formato atual.



Em 2017 o Saeb se torna censitária para a 3ª série do Ensino Médio e é aberta a possibilidade de adesão das escolas privadas com oferta da última série do ensino médio. Assim, não só as escolas públicas do ensino fundamental, mas também as de ensino médio, públicas e privadas, passaram a ter resultados no Saeb e, conseqüentemente, no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb).

Em 2019 as vésperas de completar três décadas de realização, o Saeb passa por uma nova reestruturação para se adequar à Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A BNCC torna-se a referência na formulação dos itens do 2º ano (língua portuguesa e matemática) e do 9º ano do ensino fundamental, no caso dos testes de ciências da natureza e ciências humanas, aplicados de forma amostral. As siglas ANA, Aneb e Anresc deixam de existir e todas as avaliações passam a ser identificadas pelo nome Saeb, acompanhado das etapas, áreas de conhecimento e tipos de instrumentos envolvidos. A avaliação da alfabetização passa a ser realizada no 2º ano do ensino fundamental, primeiramente de forma amostral. Começa a avaliação da educação infantil, em caráter de estudo-piloto, com aplicação de questionários eletrônicos exclusivamente para professores e diretores. Secretários municipais e estaduais também passam a responder questionários eletrônicos.

Diante de tantas fases, o Saeb tem se tornando um bicho de sete cabeças para professores e alunos das turmas do ciclo final de cada fase do ensino 5º ano Ensino fundamental I, 9º ano Ensino Fundamental 2 e 3º série do ensino Médio. E esse é o grande desafio, porque temos um grande número de alunos que não possuem habilidades e competências para assumir tamanha responsabilidade, e garantir um resultado satisfatório nas avaliações externas. E por que os resultados tem sido positivos no município? Pode-se perguntar. É que o resultado não se baseia somente na avaliação escrita (o aprendizado do aluno), é levado em consideração para estes resultados: a taxa de repetência do ciclo estudantil, a evasão escolar, e a presença do aluno. Esse indicador é expresso em valores que variam entre 0 a 10 e é calculado baseado nos resultados da Prova Brasil, chegando a um determinado resultado, que muitas vezes são positivos, mas ao se tratar do aprendizado é uma máscara.

3- Ler e escrever uma ação que vai além de resultados.

Considerando que é através do ler e escrever que as pessoas se comunicam, e é o mecanismo mais utilizado para o acesso às informações, expressam seus pontos de vista e produzem conhecimentos. E para que o aluno tenha propriedade no aprendizado se faz necessário que tenha domínio na leitura e escrita para assim ter acesso com equidade aos



bens culturais e ter participação efetiva no mundo letrado. Assim, fica nítido que para que se tenham bons resultados deve haver uma junção entre o ler/escrever voltados para o conhecimento pessoal/social.

3.1 – Desafios do século

É comum depararmos com alunos que nos diz: “professora não sei escrever e nem ler direito”. O que espanta é que atualmente essas frases são ditas por alunos de todos os níveis estudantis – Fundamental I, Fundamental II e Ensino médio. Quando se trata de leitura e escrita o entrave é muito grande. Os alunos se recusam a participarem de leitura de pequenos trechos ou até mesmo uma leitura coletiva, e na escrita, é pior, se recusam a participarem das aulas, e isso na segunda fase do Ensino Fundamental e Ensino Médio. A frustração destes alunos é muito triste, pois fica nítido no olhar, nas ações, no falar, e muitas vezes até agridem o professor com palavras, por vergonha de estar num ano/série sem ter condições de “ter” o aprendizado que condiz.

Se buscarmos uma explicação para isso podem encontrar algumas respostas como: pais analfabetos; desestrutura familiar (drogas); família em conflito (pais separados); vivem com os avós; vivem com a família mas são sozinhos (os pais trabalham); pobreza; falta de compromisso do aluno e da família, etc. E a escola, como está sendo trabalhado o fator aluno?

Independente de qualquer entrave (problema) o aluno quando inicia sua vida estudantil, chega com um sentimento único, vou aprender os princípios básicos, “ler e escrever”. E a família quando levam os filhos para uma instituição ela confia plenamente que seus filhos estarão no melhor lugar. pois nenhuma criança ao ingressar no âmbito escolar, inicia pensando que não aprenderá, mas sim, que receberá aprendizado, que os levará ao sucesso. Quem nunca ouviu de uma criança quando se pergunta o quê ela vai ser quando crescer, e a resposta sempre foi positiva. - Vou estudar, e ser, professora, médica, dentista, etc. Toda criança ao entrar numa instituição escolar tem sonhos. Será que a escola esta oportunizando isso? E a escola é a responsável? Como Magda soares já dizia, “somos um país em pleno século XXI , que vem reincidindo no fracasso em alfabetização”. Pode-se observar que a diferença é que nos séculos anteriores havia reprovação nos anos de alfabetização, que também não justificava o não aprender e atualmente não.

Até o ano de 2017 o ensino de alfabetização era dividida em 3 ciclo de alfabetização (1º ano – 2º ano e 3º ano) sedo subdividido em: 1º ano - Introduzir; 2º ano – Aprofundar; 3º ano – Consolidar.



Assim os alunos fazem parte de uma progressão continuada, passando ao ciclo seguinte sem serem alfabetizados por completo, com conhecimento que terão 3 anos para serem alfabetizados funcionalmente.

E a pergunta dita por Magda Soares (2010, pag 14) depois de 10 anos ainda se perdura. “Quais são as causas desse fracasso”?

As pesquisas continuam e os insucessos se perduram, uns colocam a culpa no sistema, no aluno, sociedade, cultura, metodologias, recursos, etc. Vários são os apontamentos para se justificar um fracasso que é de todos.

De acordo com Magda Soares

“...habilidades e conhecimentos de escrita, tal como ocorre com as habilidade e conhecimentos de leitura, devem ser utilizadas diferencialmente para produzir uma grande diversidade de materiais escritos: desde simples assinatura do próprio nome ou elaboração de uma lista de compras até a produção de um ensaio ou de uma tese de doutorado”.(2010, p. 32)

No tocante é triste estar vivenciando este drama em pleno século das inovações tecnológicas e perceber que o problema ainda persiste em menor teor, mas existe e faz parte do meu, do seu dia-a-dia, professor.

3 Anseios de uma realidade

Toda pesquisa foi desenvolvida na Escola Municipal Cristo Rei nas turmas do 5º ano A e B.

Inicialmente me deparei com uma realidade complicada, as professoras estavam passando por uma situação bastante conflitante, pois tinham que seguir um currículo que garantissem as habilidades e competências para o ano em estudo, e o que os planejamentos educacionais (currículo, BNCC) não prevêem é que nestes anos/séries têm alunos que não contemplam as habilidades de leitura e escrita, estando na fase silábica-alfabéticas ou até mesmo pré-silábica.

Sabe-se que os alunos neste processo de alfabetização mesmo que fora do ano/idade dependem muito do professor e que neste momento é necessário fornecer autonomia mesmo que seja no erro. E o professor não pode ser considerado o vetor do fracasso do aluno, deve apropriar-se do problema e tentar solucioná-lo, assim o professor deve estar voltado para a realidade dos alunos, e ser capaz de contribuir para o fortalecimento de seus objetivos, agregando a eles um sentimento mútuo de apreender conhecimentos.



Neste sentido pode-se perceber que o aluno quando se apodera de confiança tem coragem de escrever mesmo que errando, desde que são levados aos princípios básicos, que vou tratar aqui de (poder); falar, escrever e ouvir, pois quando falam se justificam e assim o professor pode perceber o que o leva ao erro. Quando escrevem pode ser estimulado a perceber onde está errando e por fim quando ouvem podem notar a diferença entre o seu falar/escrever com o do outro.

E foi nestes princípios que iniciei meus trabalhos nas turmas.

Primeiramente observei o quanto às professoras se desdobravam para conseguir atingir todos os alunos, no entanto os mesmos não estavam alfabetizados (alguns já repetentes), não conseguiam acompanhar as aulas.

Notei que a equipe pedagógica tinham criado ações para auxiliar as professoras e alunos, (“tomando leitura”) como é falado aqui, instigando a ler. Em alguns casos tiveram êxito, em outros não.

Os anseios dos alunos e professores me angustiavam, pois me sentia impotente diante da situação. Tanto os alunos quanto as professoras sofriam, de um lado o professor tendo que cumprir seu papel/planejamento de acordo com o ano/série, se desdobrando na tentativa de alfabetizar aqueles que não obtinham tal recurso projetando aulas para o bom desempenho na Prova Brasil porque eram cobradas por resultados positivos.. Do outro lado a angustia dos alunos que não conseguiam atingir o desejo do professor, sem alcance necessário para o cumprimento da avaliação externa.

Com certeza no final do ano todos esses anseios foram superados, alguns com êxito outros não, o que importa é que as tentativas em acertos foram muitas. Cabe a Instituição Educacional observar e analisar os anos iniciais de alfabetização, tentando assim compreender o porquê de alunos ainda chegarem no 5º ano do Ensino Fundamental sem saberem ler e escrever.

4 – RESULTADOS/DISCURSÕES

Sou formada em Letras e Pedagogia, e como nos anos ímpares tem a famosa “Prova Brasil”, fui convidada pela secretária de educação para auxiliar as professoras regentes dos 5º ano como professora itinerante de Língua Portuguesa, para trabalhar a Olimpíada de Língua Portuguesa, reforçando as competências de aprendizado para a avaliação externa.

Como seria somente duas aulas por semanas (50 minutos) as aulas tinham que ser concretos e objetivas, teria que fazer um diagnostico para saber ao certo com o estes alunos estariam quanto ao quesito Ler e Escrever com funcionalidade, neste fim nas aulas iniciais

propus atividades que me demonstraria como esses alunos estariam e como poderia trabalhar nas turmas, até porque as professoras regentes trabalhavam com Português nos outros dias.

De início, propus uma atividade oral, onde fui escriba. Pois assim poderia ver quais alunos já possuíam autonomia na oralidade. Visualizando quais teria que estimular. E o que teria que fazer para ajudar a obterem autonomia de pensamento e oralidade

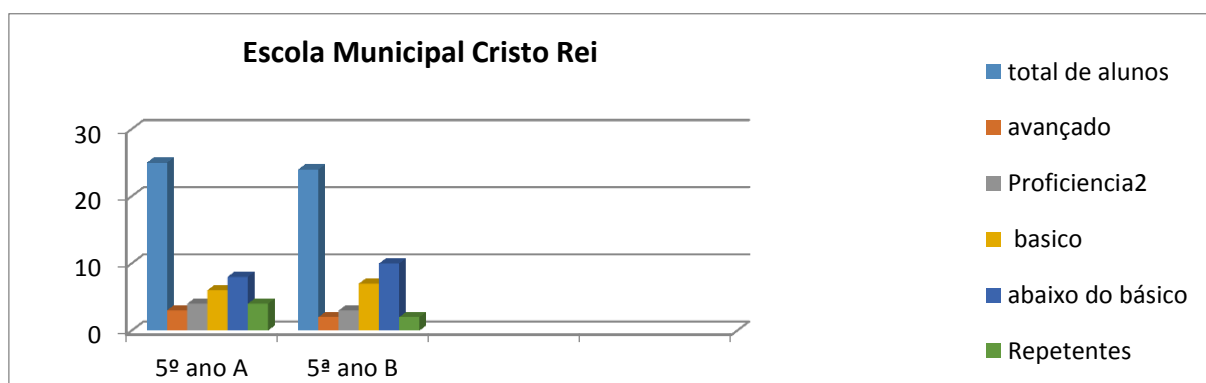
Sugeri o uma atividade coletiva com o poema “Duas dúzias de coisinhas atoa que me deixam feliz” Criamos as próprias coisinhas atoa que os deixavam felizes. Foi um sucesso. Meu objetivo tinha sido alcançado. Consegui perceber quais seriam meus alvos na produção textual da Olimpíada de Língua Portuguesa e quais teria que fazer um trabalho diferenciado para chegar a produção.

Em sequencia trabalhei uma atividade onde iriam trazer de casa uma lista de coisas que responderiam a pergunta: “- Abro portas/portões/porteiras (de acordo com a clientela) e vejo.” Assim poderia ter a oportunidade de ver em qual fase os alunos estariam (Pré-silábico, Silábico, Silábico Alfabético, Alfabético).

Foi gratificante tanto pra mim quanto professoras e alunos, ver no olhar de ambos, alunos por estarem escrevendo com autonomia, porque tudo o que escreviam se tratava de suas próprias visões, o que viram. Seguindo o um comando simples escreva, você conseguiu, instigando-os a escrita. E do outro lado, as professoras percebendo que os alunos mesmo os que não possuíam “ainda” as competência na escrita estavam escrevendo, e é bom lembrar que mesmo com alguns erros ortográfico, escreviam. Ver a professora chorar ao ler os poemas de seus alunos foi um marco em minha vida.

Todo estudo foi realizado na Escola Municipal Cristo Rei, em duas turmas de 5º ano em Campestre de Goiás, Goiás, sendo desenvolvido dentro da abordagem qualitativo, pois trabalhei diretamente com professor/aluno.

Como toda pesquisa foi desenvolvida em duas turmas demonstrarei através dos gráficos abaixo como terminaram as duas turmas ao final do ano.





As professoras, neste ano (Prova Brasil), sofrem muito, algumas caladas, outras falam e não são compreendidas, pois os resultados valem mais que uma ação, .

Felizmente compreendi que quando se trabalha com foco, podemos alcançar qualquer obstáculo. Não foi fácil, mas foi possível. Fizemos os textos para a Olimpíada de língua Portuguesa, focamos nos instrumentos que precisariam ser fortalecidos nas habilidades e competências para a Prova Brasil e chegamos vivos no final do ano. O resultado (IDEB) até o momento ainda não se sabe, mas o comprometimento de todos e todas foi fechada com chave de ouro.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabendo que ler e escrever é uma discussão antiga e que ainda suscita muitos estudos, e que o ato de ensinar não tem receita e o aprender não tem molde e em questão, as limitações e angustias da Escola Municipal Cristo Rei é um grão de areia no meio da praia. Este grão não faz muita diferença na praia, mas no olho de alguém faz um estrago. E, é neste sentido que parafraseio com minhas amigas de profissão a dor/sentimento que todas sentem quando se deparam com alunos no 5º ano, “sem atender os princípios básicos da leitura e da escrita” no final de um ciclo fundamental de suas vidas.

Neste sentido é de suma importância que todos envolvidos nas UE se unam conhecendo os princípios que norteiam o ciclo da alfabetização, para que possam atuar neste ciclo de forma que os alunos cheguem aos anos finais do Ensino Fundamental com todas as competências e habilidades necessárias para que o aprendizado neste ano/série flua com clareza sem desnortear os professores e alunos.

Enfim, as dificuldades que a Escola Municipal Cristo Rei enfrenta na alfabetização, nos faz refletir de que a escola deve-se preparar efetivamente a sala de alfabetização, planejar criteriosamente o ambiente alfabetizador, as rotinas necessárias no trabalho diário do professor/aluno. Propiciando conceitos a respeito de Alfabetização/Letramento, investigando sempre os pontos positivos e negativos com alvo no sucesso do aluno pois este precedera o da escola como um todo.



REFERÊNCIAS

CARVALHO, Marlene alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a prática/Marlene Carvalho. 12 ed. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2015.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. Psicogênese da língua escrita. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

MINISTÉRIO da Educação. SAEB- Prova Brasil – Matrizes de Referência – Brasília 2007.

Portal.Inep.gov.br/web/guest/educacao-basica/saeb/histórico- Acesso em: **28/04/2020**

SOARES, Magda. Letramento e Alfabetização; as muitas facetas. 26^a Reunião Anual da Anped. - GT Alfabetização , Leitura e Escrita. Poços de Caldas, MG, 7 de outubro de 2003

SOARES, Magda. Alfabetização e letramento/Magda Soares. 6. ed.- São Paulo: Contexto, 2010. V. 7, P. 14. 2019

SOARES,M.B; BATISTA,A.A. G. Alfabetização e letramento: caderno do professor. Belo Horizonte: Ceale/FAE/UFMG, 2005

SOARES, Magda. Alfabetização: a resignificação do conceito. Alfabetização e Cidadania. Revista de Educação de Jovens e Adultos. Raab, n 16, julho 2003, pp.10-11